

FACONNECT
NARRAÇÃO ARTÍSTICA DE HISTÓRIAS EM ESPAÇO URBANO
XIX TURMA

MARIA CRISTINA RIBEIRO DE GODOY

VEREDAS DAS POSSIBILIDADES

SÃO PAULO
ANO 2021

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca ____ – (FACONECT)

Bibliotecária: _____ – nº _____



MARIA CRISTINA RIBEIRO DE GODOY

VEREDAS DAS POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a (Faconnect), como
requisito parcial para obtenção do título
de Especialista em Narração Artística.

Orientador: Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira
Coorientadora: Profa. Ms. Letícia Liesenfeld Erdtmann

SÃO PAULO
ANO 2021

MARIA CRISTINA RIBEIRO DE GODOY

VEREDAS DAS POSSIBILIDADES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a (Faconnect), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Narração Artística.

Aprovado em: 24/03/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Esp. Yohana Ciotti

Leitora-comentadora

Faconnect – Faculdades Conectadas

Profa. Ms. Sandra Lessa

Leitora-comentadora

Faconnect – Faculdades Conectadas

Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

Orientador

Faconnect – Faculdades Conectadas

AGRADECIMENTOS

Agradeço, de todo coração, cada uma das pessoas-pontos e cada fio de conexão desta profícua e carinhosa malha:*

Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

Prof. Ms. Letícia Liesenfeld Erdtmann

XIV Turma – Grupo das Águas:

Canela / Gisele / Milva / Solange / Talita / Carol / Amanda Cavalcante / Amanda Raciele
Claudinha / Juliana / Analu / Fabrícia / Jaqueline / Rosângela / Ana Letícia / Denis Espanhol

Professores / Narradores

Profa. Dra Luiza Helena da Silva Christov / Profa. Dra. Renata Gelamo / Prof. Marco Haurélio /
Profa. Esp. Yohana Ciotti / Profa Angela Pappiani / Profa. Ms. Sandra Lessa / Contador de
História Giba Pedroza / Profa Dra. Angela Castelo Branco Teixeira / Contador de História Magno
Rodrigues / Contadora de História Kiara Terra / Profa. Ms. Cristiane Rogério / Profa. Atriz Élide
Marques / Contadora de História e Atriz Ana Luisa Lacombe / Contadora de História e Arte
Educadora Mafuane Oliveira / Educadora Social e Coordenadora do IBEC Bel Santos Mayer /
Contadora de Histórias e Atriz Simone Grande / Contadora de Histórias, Pres. Do Inst.
Abrapalavras, Dra. Ms. Aline Cantia / Indígena Sandra Benites

A Casa Tombada

**Tim Ingold*

RESUMO

O texto Veredas das Possibilidades aborda o tema: desenvolver o conhecimento de nós mesmas de forma a nos inserir na proposta do curso: *desenvolver conhecimento compartilhado* e contribuir no desenvolvimento do conhecimento sobre a narração artística em contexto urbano.

Começa sinalizando os antecedentes da chegada de M^a Cristina no Curso da Casa Tombada, o impacto da proposta, seus processos de abertura para assimilação das propostas de trabalho.

Em seguida, passa a tratar dos esforços para pescar **questões** e relações, vislumbrar a malha de conexões, definir **tema, assunto**; apresenta seus *ritos de abertura* para a tarefa e o contato para a pesquisa de criação de repertório. Aí, entramos em quarentena, a pesquisa foi suspensa e a abordagem passou a tratar as questões: **que histórias me vestem?** e **COMO contá-las?** considerando, agora, a experiência de escuta e leitura da autora.

Apresenta, então vários contos comentando como eles ecoaram nela; e cinco contadoras que se apresentaram via zoom no curso explicitando a riqueza de **COMOS** possíveis. E conclui com a crônica/poema VEREDAS DAS POSSIBILIDADES, resultante de sua experiência até o momento.

*Tocar em frente é a toada e o clima.
Na primavera viceja, medra, expande.
No verão mistura, mescla, tempera.
No outono depura, cura – compostura.
No inverno ritma, ultrapassa-se, recicla.*

M^a Cristina Godoy

Palavras Chave:

conhecimento compartilhado – contos – narração artística

“Só Titão Passos espiava desolhadamente [...] tão sério:
com as mãos ajuntadas abaixo, em frente da barriga –
só esperava o nada virar coisas.”
Guimarães Rosa, Grande Serão - Veredas

Sinalizando o caminho

Licença para expandir as referências das situações do meu aprender para além deste curso, só assim poderei mapear e lhe dizer que após longa caminhada chego neste agora, passando por incontáveis estações... Encontrando-me com uma infinidade de amanheceres, ocasos, anoiteceres... Climas os mais diversos.

Meados de 2017 me vi, de repente, sem eira nem beira, olhando pr'o tempo e perscrutando o rumo, procurando enxergar alguma atividade do meu agrado para esse meu momento tão outonal e fuçando...fuçando. Tentei algo a ser feito virtualmente. Nada casou. E como quem procura sempre acha, achei: “Contação de histórias no Sesc-Aclimação.” Então este é o meu tema.

Uma degustação rápida de 16 horas, me deixou nas reticências... Encarei uma degustação de 30 horas no mesmo local. Quase ao encerrá-la, quando comecei um relancear alongado e esperançoso neste tema, soube da pós-graduação lato senso em narração artística da Casa Tombada.

Me inscrevi e foi marcada a entrevista de seleção.

Reflui. Meu afã de procura voltou-se para mim mesma sopesando, escrutinando, avaliando. Bem, auto resumi-me: tenho 18 anos de trabalhos na minha área de formação – Pedagogia/USP (1968) + FAPESP (1970) e Metodologia Científica/GV (1970), dois casamentos, quatro filhos objetivos, dois filhos subjetivos (3 x 1 menino + 1 menina), 17 anos de trabalhos na área comercial de uma editora.

Foi um total impacto minha chegada neste curso, e nesta proposta. Já na entrevista de entrada senti que a forma que os coordenadores do curso se relacionaram com os alunos tinha algo claramente diferente do que o que eu

conhecia, eles eram realmente elementos do grupo. Vislumbrei que não se tratava de aprender um conteúdo dos estudiosos da educação como referência teórica. Também foi bem surpreendente pois o medo de não ser inteligente o suficiente, não ser adequada ao local, não travou a minha fala. Vislumbrei, no entanto, e com uma boa dose de inquietação, o desafio desta nova área de estudos e atuação e assumi a empreitada. A primeira parte da empreitada seria necessariamente toda a aprendizagem da proposta do curso, como também, o que me provocaria a interação com esse grupo de pessoas. Assim...

O primeiro encontro de dois dias, foi uma aterrissagem: saí do século retrasado e cai no século 21. Fui recebida por Jorge Larrosa, que através do texto *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* me disse: “a **experiência** é o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” Mais adiante Larrosa cita também Heidegger (1987) e me deixa profundamente tocada, pois posso afirmar que sei exatamente do que ele está falando, conheço tal estado:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança, que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (p. 143)

Saí da mente e mergulhei no coração e me dei conta de que o ensino-aprendizagem aqui é de corpo inteiro: intelecto, talentos, emoção, intuição, anseio, habilidades, apreços, inquietação etc. e me senti incluída, tal como sou, no processo.

Então, as propostas – chamadas “Alegrias de casa” - criar o “Mito Pessoal” trouxe um frescor tão expandido em minha mente que o coração se alegrou e agradeceu. Fazer a resenha de “Um Livro” dentre os três de que mais gostei em minha vida até agora, aquele que realmente me atravessou, me trouxe a medida justa de que devo considerar o meu potencial de observação, percepção, conexão e sentimentos no meu processo de conhecer. Os exercícios de escrita: fazer anotações, um rascunho, um pequeno relato, expandir o micro conto, fazer

resenha, redigir ensaio, reformular ensaio, - até agora, seis vezes - me remete a algumas tarefas rotineiras de minha infância: mexer tacho de doce, torrar café, fazer queijo, passar roupa, ajudar nas quitandas.

Mexer tacho de doce e torrar café tinha uma sequência de procedimentos: arrebanhar os recipientes e limpá-los, dispor os tijolos sobre a terra onde assentar o recipiente, atear o fogo sob o recipiente. Feitos esses preparativos, passava a mexer o tacho ou girar o torrador. O fogo cuidava de ir apurando ou torrando lentamente até chegar no ponto. O ponto do doce se via pela consistência e cor; o do café se percebia pelo cheiro, “ah, delícia” e conferia-se abrindo o torrador.

Tais movimentos, com ação tão simples, logo ficavam automáticos, o que deixava à solta visão, audição, olfato, pele, pensamento e coração. Assim, partindo do entorno, essas seis habilidades iam se ampliando, se alastrando, ocupando todo o espaço terra-céu e eu lá, um ponto minúsculo nesta fantástica arquitetura recheada de ar, brisa... vento, sentindo toda essa imensidão. Contemplando...

Aí invertia, perscrutava sem peias a imensidão interna. Me encontrava, sem barreiras, com as memórias agradáveis e desagradáveis, reclamações, apreços, bons e maus comportamentos meus, das irmãs, dos pais. Inquietações, cismas, implicâncias. Divagava...

Torrar café no frio era ótimo. Assentava-me em boa posição e observava, com total entrega, o calor do fogo ir esquentando um lado do meu corpo. Quando começava a me incomodar, assentava na posição contrária e acompanhava, com toda aceitação, o mesmo esquentar-me. Às vezes ruminava, outras vezes devaneava.

Fazer queijo era um procedimento sem fogo e em espaço fechado: um compartimento com prateleira e jirau com sulco para coletar o soro e fazê-lo escorrer para o balde. Tratava-se de espremer com a mão o leite talhado dentro de um aro todo furadinho sobre um jirau de madeira, só ficando a massa. O último copo de soro – uma iguaria -, em geral, cabia a quem o fizera. Queijo pronto, guardava-se na prateleira para curar. Diziam que eu tinha uma mão boa para fazer queijo, pois eles raramente azedavam, mesmo os sem sal.

Passar roupa (ferro com brasa) - me cabia especificadamente as roupas brancas de linho e cambraia de meu pai, pois me achavam caprichosa e conseguia fazer a tarefa calma e tranquilamente. Mas exigia maior atenção na realização, pois tinha que ficar atenta à formação das cinzas para assoprá-las, antes que caíssem na roupa.

Todas essas tarefas eram feitas individualmente. Já ajudar a fazer quitandas me trouxe outro tipo de experiência. Quitandas eram feitas quinzenalmente e tratava-se de fazer pão-de-queijo, biscoitos de polvilho, roscas broas, pães, sequilhos etc, que supriam nossos cafés da manhã e lanches da tarde por quinze dias. O forno era o tradicional forno a lenha e o sentimento experimentado era o de faina compartilhada, tão bom! A imagem é o forno com a boca meio aberta e o fogo na madeira lá dentro.

Desde que comecei a misturar essas vivências antigas com as atuais passei a ir reconhecendo que esta minha prestimosa e devotada vida está atenta a me prover as experiências que me cabem e, que bom(!) que as tenho aceitado, mesmo que às vezes não entenda ou me desagrade.

Tema, assunto, problema, questão

Os encontros realizados durante o primeiro ano do curso trataram de trazer conteúdo e vivência aos estilhaços para podermos desenvolver o conhecimento de nós mesmas/os de forma a nos inserir na proposta do curso e contribuir no desenvolvimento do conhecimento sobre a narração artística em contexto urbano. Trata-se de desenvolver conhecimento compartilhado. Senti esse termo – conhecimento compartilhado – como uma grata libertação de uma experiência antiga.

Ainda no primeiro ano, quando se chegou a esta questão, me vi no escuro ou no branco total. Pedi ajuda. Letícia me recebeu. Recolocou a proposta do TCC: escolher tema que me atravessasse, tocasse meu sentimento. Esse fraseado, essa formulação é uma novidade enorme para mim. Aliás, me surpreende, pois acho que ninguém nunca se dirigiu a mim assim... naquele momento eu me sentia no fundo de um buraco, sua fala parecia vaga, irreal. Mas

graças à aceitação, delicadeza e paciência dela, comecei a olhar para cima. Aceitei que, pode bem ser que na superfície as possibilidades fiquem visíveis e plausíveis. Fui me encaminhando para lá. E aí, conseguimos encontrar algumas referências possíveis:

<i>Colar de histórias</i>	<i>Yohana/aula e texto (Narra-te...)</i>
<i>... o nada virar coisa</i>	<i>olhar com profundidade</i>
<i>Como uma mulher</i>	<i>recorte</i>
<i>Escolha</i>	<i>deriva</i>
<i>O nada</i>	<i>espera</i>
<i>Apurar</i>	<i>fogo</i>
<i>Coragem</i>	<i>varal</i>

As listas acima delimitam algum balizamento, mas é preciso priorizar, compor sequência, apresentar referências... Então, como na formação de recifes artificiais, lanço, neste meu mar, a ideia *COLAR DE CONTOS* para os organismos deste meio ambiente virem nele se alojar. Enquanto observo este potencial se expressar, me aparece uma clara necessidade de ir *naquele local específico do bosque, acender o fogo e fazer as preces (Giorgio Agamben)*.

Após aceitar essas abluções já posso me aproximar daquela menina sentada na relva que acaricia pétalas, desfruta o silêncio, a brisa e o calor do sol em seu rosto... como girassol.

De soslaio, porém, percebo que preciso, antes de mais nada, cuidar daquele ancião ranzinza e promíscuo que reparte comigo o espaço sob minha pele. Ele precisa me ajudar, precisa estar junto. Bem, talvez seja o contrário. Acho que será a menina a nos ajudar...

Assim, juntando a boa vontade e predisposição da menina e a exigência do ancião, mesmo sem um caminho traçado, abri meu coração para a ação. E obtive resposta. Encontrei uma instituição próxima a minha casa que ficou muito interessada na minha proposta: *Olá, Sou Educadora, Administradora (aposentada) e Autora. Atualmente faço uma pós-graduação em Narração de Histórias. Como não tenho histórico de Contadora de História e para completar a minha formação nesta área estou à procura de locais onde possa praticar e criar meu repertório.*

Eles retornaram. Conversamos por *whatsapp* e marcamos nosso primeiro encontro para dia 16/03/2020. Exatamente nessa data, começou a quarentena e nosso encontro foi desmarcado.

Fiquei a ver navios! Agora só vejo a praia, o mar e o horizonte. Deito o olhar nesta paisagem interior e, com um piscar câmara lenta, escuto a amplidão do espaço e pergunto: e agora, do que disponho? Sendo bem realista, só de minha experiência de escuta e leitura de histórias. Estas duas têm um bom caudal. Posso olhar, perscrutar o meu tema, minha questão considerando estas duas vertentes.

Minha questão? ***Que histórias me vestem e como contá-las.*** Estou aqui fazendo coro com uma das colegas de curso a respeito do conto, da história, faço-me também as mesmas perguntas: qual é a história que realmente me veste? Aquela que me fica bem? Sinto-me mergulhada nas preocupações desta época, tais como: autoconsciência de si, meio ambiente, discriminação racial, discriminação de classe, situação política nacional e mundial, feminicídio, etc. Mas não me parece que só o tema seja suficiente para esta escolha. Ou só as características dos ouvintes.

Alguns narradores e narradoras que conversaram conosco, ou mesmo da bibliografia consultada, comentaram/observaram que é a história que nos escolhe. Dizem esses/essas: a história que me toma, me faz tanto sentido que a contarei de (cor)ação. No entanto, creio, que a razão para que o eco ocorra está na minha própria história. Ou seja, na minha própria experiência de vida. Ou como disse a Prof^a Sandra Lessa em sua pequena carta: *ouvir o outro – de escuta aberta por todos os sentidos – pode revelar algo de nós.*

Vou considerar primeiro essa questão de embocadura, evocando também um comentário de Ângela Pappiani no primeiro encontro que tivemos. Um de seus amigos indígena lhe disse, “já está no tempo de reduzir suas atividades de trabalho e começar a contar o que tem aprendido”. Essa fala se encaixou tão bem em meus ouvidos... Um alívio! E por que se encaixou tão bem? Porque pelo meu tempo de vida e trajetória estou, nesse momento, aguardando que algo agradável possa me atravessar.

Observando minha trajetória em Terra, penso que, sou um ser cíclico. Saí do conforto da integração com a natureza para um deserto. Então retornei, sou um mangue, sonoro de raízes e vida e, logo, ouço as rajadas arenosas dos ventos secos O ser real macio, poroso e o individual envolto em plástico.

Com esta característica cíclica e oscilante fui caminhando, criando o meu trajeto muito particular para mim, mas não muito diferente das demais meninas da época. Por volta dos 40 anos eu fazia a travessia do maior deserto de minha vida. Durou, acho, uns 6/8 anos. Já estava entregando os pontos quando encontrei o narrador e o conto que, no ato, me mergulhou no manguezal. Ou melhor, maior ainda, agora eu ouvia o som do mecanismo do cosmos. Chegara na minha própria casa ancestral aberta à amplidão do universo azul... ou negro. Foi um alívio tão grande quanto a gratidão que sentia. Mudou meu portal.

Uma pequena frase do narrador me capturou: **“Desfrute a vida.”** Passou a ser o mastro interno do barco da minha travessia. E eu passei a ouvi-lo com regularidade. Além desse tipo de frase simples ele gosta de contar histórias, contos poéticos, anedotas, dísticos, contos de louvor a vida, contos de morte. Eu gostava deste mergulho, pois pouco a pouco nós internos eram desfeitos e ampliava meu espaço de respiração. Passei a escrever... A sonhar... Precisava expressar em palavras o que me acontecia. Também anotava os contos de que mais gostava. Escrevia, escrevia e guardava... fui guardando tudo o que escrevia.

Dentre os vários contos que anotei destaco três:

O casal cujo destino era ter um boi e um saco de arroz

O Deus Indiano que celebra os casamentos, destinou ao jovem casal, só ter um boi e um saco de arroz durante a vida. Eles viviam muito pobremente em sua choupana, sobre um barranco. Não tinham dinheiro para satisfazer outras necessidades. O saco de arroz guardava dentro de casa e o boi pastava logo abaixo do barranco. Todas as pessoas que os conheciam se compadeciam, mas nada podiam fazer.

Um dia, chegou um homem sábio no vilarejo mais próximo e um amigo que morava ali foi avisar o pobre casal aconselhando-os a conversar com ele. Contar suas dificuldades. Eles aceitaram o conselho e marcaram um encontro com o Sábio.

No horário marcado, chegaram aonde o Sábio estava hospedado, contaram a ele todas as dificuldades com as quais pelejavam, suas preocupações e aguardaram

ansiosos o conselho. O Sábio olhou para eles, fechou os olhos, silenciou por um tempinho e então falou:

__ Vendam o boi e usem o dinheiro para comprar o que precisam.

Eles levaram o maior susto.

__ Como assim? Não o teremos mais! Vamos ficar mais pobres ainda... Sentiram-se desconsolados...

O Sábio falou: __ O boi não lhes serve de nada. Se fosse uma vaca daria leite, mas o boi não os ajuda em nada. Venda-o e use o dinheiro para suprir necessidades.

Eles agradeceram o Sábio e foram embora, inquietos e ansiosos. No dia seguinte, ainda com muito receio venderam o boi e com o dinheiro compraram o básico mais necessário. Assim, com o saco de arroz e o básico mais necessário conseguiram passar um dia mais satisfatório. Foram dormir sentindo-se melhor a respeito do conselho do Sábio.

No dia seguinte ao acordarem surpreenderam-se! O boi estava lá pastando! Passaram o dia conversando sobre a ocorrência e resolveram vender este boi também. E agora, compraram uma vaca. Logo perceberam que do destino eles teriam sempre um boi e um saco de arroz. Ficaram muito agradecidos ao Sábio pelo conselho.

Ouvir este conto foi outro momento de suspiro, desses que veem dobrado, que alarga o espaço de respiração, pois eu vivera, até então, a exata situação oposta. O constante andar em corda bamba ajustando as perdas do casal com o aumento da família e as necessidades que cresciam. Ouvindo minha mãe, como uma boa virginiana, marcar continuamente a situação, o que tornou este um tema que aderiu em mim de forma muito estressante.

O casal, o seu filho e o burro

Era uma vez um casal, seu filho e um burro. Eles entravam em um pequeno vilarejo. O marido puxando o burro, a esposa montada e o filho, andando ao redor do pai. As pessoas que os viram comentaram:

__ Olha só, que princesa! Onde já se viu, fazer o marido e o filho caminharem enquanto ela fica lá... Que folgada!

A esposa ficou muito envergonhada e um pouco mais à frente, quando não tinha ninguém olhando, pediu que o marido trocasse de lugar com ela. E assim fizeram. Agora ia o marido montado, a esposa e o filho andando. Ao passarem por uma praça, as pessoas não acreditavam no que viam e comentaram;

__ Mas é muito mandão esse aí! Onde já se viu ir montado enquanto a mulher e o filho são obrigados a caminhar!

O marido sentiu-se muito incomodado, desceu do burro e pediu para o filho montar e continuaram o trajeto. Ao passarem pela feira, houve até um grupinho de gente olhando que comentou:

__ *Olha lá! Um moleque bem fornido montado folgado enquanto os pais são obrigados a caminhar. Que tipo de cara vai ser este quando crescer?!?!*

Os pais percebendo o disparate da situação, pediram para o filho desmontar e o casal montou no burro. Já estavam quase saindo do vilarejo, mas ainda passaram por uma comemoração pública e os comentários das pessoas formou um alarido:

__ *Meu deus! Que desumanidade! Coitado do burro! Caras, tenham dó! Desçam daí.*

Eles desceram e passaram a puxar o burro. Já estavam saindo do vilarejo, já pegando a estrada quando um grupo de trabalhadores cruzou com eles e comentou:

__ *Eita! Esses daí não sabem pra que serve um burro!*

Já este segundo conto alargou o meu espaço de respiração por ter reconhecido que eu também constantemente fazia essas ponderações. Às vezes, minhas ponderações eram assim, leves como essas, em terrenos onde já pisava. Outras vezes, eu despencava por uma fenda interna até lá embaixo, no abismo, de onde, alguns segundos depois, era lançada como foguete para cima e me encontrava com as ponderações. E muitas autoavaliações...

Levei uns 15 ou 20 anos retomando todos estes procedimentos diariamente, reescrevendo, recompondo... E, claro, trocando de empregos, experimentando alternativas, outras áreas de atuação. Procurando entender a relação entre contemplação-escuta e ação, entre um ser quieto, calado, imerso e a máquina de fazer coisas...

Os dois lobos (lenda Cherokee)

Um jovem indígena andava encafifado com uma situação que percebera. Resolveu procurar o Chefe para se esclarecer.

__ *Chefe, tenho percebido que as pessoas são boas, mas às vezes fazem coisas ruins. Por quê?*

__ *Ah, sim... É verdade. Sabe, porque é como se vivesse dentro de cada um de nós dois lobos – um bom e o outro mau. E eles disputam todo o tempo para assumir o comando da gente, não é? Já percebeu?*

O jovem pensou... pensou... e falou:

__ *Mas quem ganha a disputa?*

O chefe respondeu:

__ *Aquele que você alimenta.*

Este terceiro conto, ouvi-o de Prem Rawat – meu contador de histórias preferido - em 2017 num evento em Medellín/Colômbia. Contou-o de forma tão

clara, direta e simples e tão justo ao ponto, que foi uma festa em meu coração. Aceitei a dupla de opostos, a possibilidade de escolha e a abertura para a esperança.

Chegando no Sesc Aclimação – degustação de 16 horas – me vesti facilmente no conto: **Fátima, a Fiandeira**, já durante a narração de Elaine. Para trazê-lo para este texto busquei-o na internet (<https://psicoterapiajunguiana.com/conto-sufi-fatima-a-fiandeira/>), e ao lê-lo, foi como se um fluxo auditivo me sussurrasse no meu próprio ouvido o que lia.

O convite-proposta de viagem que o pai faz a filha já me pegou. Uma parceria de apoio mútuo tão boa, tanta camaradagem...

Mas o projeto não foi cumprido, pois próximo a Creta o navio naufragou. O pai de Fátima morreu e ela ficou completamente desamparada. Semiconsciente foi arrastada pelas ondas até uma praia perto de Alexandria. Estava tão aturdida e exausta e só se lembrava vagamente de sua vida até o momento. Ficou vagando pela praia até que uma família de tecelões a encontrou. Eles eram humildes, mas Fátima iniciou nova vida e, em um ou dois anos, voltou a ser feliz, reconciliada com sua sorte.

Um dia, enquanto andava na praia, um bando de mercadores de escravos desembarcou e levou-a, junto com outros cativos. Pela segunda vez o mundo da jovem ruíra. Na ocasião havia poucos compradores de escravos. Mas quis a sorte que um comprador, um homem que procurava escravos para trabalhar em sua serraria, onde fabricava mastros para embarcações compadeceu-se, ao perceber o ar desolado e o abatimento de Fátima, decidiu comprá-la. Tinha a intenção de fazer dela uma criada para sua esposa.

Mas ao chegar em casa soube que tinha perdido todo o seu dinheiro pois um carregamento fora capturado por piratas. Não poderia enfrentar as despesas que lhe davam os empregados, e assim ele, Fátima e sua mulher arcaram sozinhos com a pesada tarefa de fabricar mastros. Fátima, grata ao seu patrão por tê-la resgatado, trabalhou tanto e tão bem que ele lhe deu a liberdade, e ela passou a ser sua ajudante de confiança. Assim ela chegou a ser relativamente feliz em sua terceira profissão

Um dia, a pedido do patrão, Fátima, foi a Java, como representante, com um carregamento de mastros para vendê-los com lucro. Mas quando estava nas costas da China um tufão fez o navio naufragar e Fátima novamente se viu náufraga na praia de um país desconhecido. Perguntou pela terceira vez — *por que sempre que tento fazer alguma coisa não dá certo? Como não obteve respostas, levantou-se da areia e afastou-se da praia.*

Na China existia a lenda de que um dia chegaria certa mulher estrangeira capaz de fazer uma tenda para o imperador. [...], todo mundo aguardava com ansiedade o cumprimento da profecia. Para ter certeza de que a estrangeira ao chegar não passaria despercebida, uma vez por ano os sucessivos imperadores da China costumavam mandar seus mensageiros a todas as cidades e aldeias do país pedindo que toda mulher estrangeira fosse levada à corte. [...] Fátima chegou a uma cidade costeira da China, os habitantes do lugar falaram com ela [...] e explicaram-lhe que devia ir à presença do imperador.

— Senhora — disse o imperador, sabe fabricar uma tenda?
— Acho que sim, Majestade — respondeu a jovem.

Pediu cordas, não tinham. Lembrando-se dos seus tempos de fiandeira, Fátima colheu linho e fez as cordas. Depois pediu um tecido resistente, mas os chineses não o tinham do tipo que ela precisava. Então, utilizando sua experiência com os tecelões de Alexandria, fabricou um tecido forte, próprio para tendas. Percebeu que precisava de estacas para a tenda, mas não existiam no país. Lembrando-se do que lhe ensinara o fabricante de mastros em Istambul, Fátima fabricou umas estacas firmes. Quando estas estavam prontas ela puxou de novo pela memória, procurando lembrar-se de todas as tendas que tinha visto em suas viagens. E uma tenda foi construída.

Quando a maravilha foi mostrada ao imperador da China ele se prontificou a satisfazer qualquer desejo que Fátima expressasse. Ela escolheu morar na China, onde se casou com um belo príncipe e, rodeada por seus filhos, viveu muito feliz até o fim de seus dias.

Aqui na Casa Tombada, na bibliografia sugerida, outro conto sufi me capturou: A Lenda das Areias, Regina Machado (em *A Arte da palavra e da escuta*, pag. 134-136). É a história de um fiozinho d'água que vai descendo a montanha alegremente, mas já cismando em conhecer o mar. Enquanto descia foi crescendo, alargando, tornando-se um poderoso rio. Quando chegou no pé da montanha encontrou-se com as areias. Areias por todos os lados. Por mais que ele tentasse, ele só se afundava, cada vez mais nas areais.

*Então uma voz, vinda das areias, falou para o rio:
– Assim, você nunca vai alcançar o mar. O único jeito é deixar que o vento transporte você até lá.*

Primeiro o rio não acreditou na proposta e continuou se jogando nas areias e virando lodaçal... Aí algumas cenas começaram a aparecer que talvez, quem sabe... ficou com muito medo; e se não der certo?! Chorou, duvidou de tudo e por fim aceitou virar nuvem e deitar-se nos braços do vento.

Enquanto era levado, durante o caminho para o céu aconteceu de tudo. Ele teve medo, chorou, outra hora pensou que estava ficando louco, que nunca mais ia voltar para o chão. Algumas vezes ele se divertiu, viu coisas maravilhosas, de novo chorou e duvidou de tudo. E assim foi descobrindo tanta coisa que ele poderia conhecer e fazer que nem sequer imaginava.

Quando finalmente chegou ao mar, como uma chuva grossa e quente, teve uma alegria enorme. Além de conhecer o mar, que era o que ele mais queria na vida, tinha aprendido quem ele realmente era”.

Percebendo o desafio de enfrentar com segurança essas travessias, fiz como Ulisses, amarrei-me ao mastro de meu navio – “*Desfrute a vida*” – para não me deixar seduzir por cantos ilusórios e me perder. Ou com outras palavras, aceitei o desafio de transformar-me em vapor sem saber no que exatamente isso

ia dar, para poder embarcar no vento e não ficar à mercê do medo nem da sedução das cenas durante a viagem, e poder apegar-me a minha essência para finalmente conhecer o oceano.

Início de 2020, li *Terra Sonambula* de Mia Couto. Sua escrita me tocou tanto que acabei descobrindo que ele já escrevera também vários contos. Fui atrás e não pude deixar de encomendar o livro *A menina sem palavras* exatamente por causa deste título que é o nome de um dos contos. Depois de lê-lo foi que me encontrei com o porquê. Lembrei-me de uma conversa com minha mãe, eu já bem adulta, os filhos já deixando de ser criança. Ela comentava que eu demorara muito para falar, o que muito a preocupou. Pensou que eu ia ser muda.

Além disso o conto descreve, com muita sensibilidade a relação da menina com o pai. Me senti retratada. Veio a calhar ainda o nome de outro conto citado por uma das professoras, *O coração do menino e o menino do coração!* Por coincidência está aqui no mesmo livro. Então, eu o li na sequência. Me senti retratada no menino cuja avó vaticina: *Esse menino vai caminhar pra dentro dele mesmo*. No conto, o menino, graças a sua escrita, consegue dar à luz a si mesmo e vira *O menino do coração*. Muito esperançoso e sensível. Há um fluxo, não palavreado, mas tão poderoso nessas composições de Mia! É ele que molda as experiências de vida de cada um dos personagens.

Como contar / como narrar

O **COMO** tem sido a grande experiência desta nossa XIV turma. Durante o primeiro ano nos encontramos regularmente n'A Casa Tombada, seguindo as formas conhecidas de trabalho educativo. No segundo ano, logo em março, tudo mudou. Chegou no Brasil o *coronavírus*, isto é, *covid19*. Da noite para o dia, devido aos protocolos de higienização para minimizar o contágio, estabelecidos pelo Ministério da Saúde ficamos confinados às nossas próprias casas. Todos os nossos encontros passaram a ser feitos pela internet, via zoom.

Então um processo que vinha se fazendo paulatino – relação entre narrador de história e redes sociais/internet – tal acontecimento, segundo

Yohana Ciotti comentou no Ateliê de vídeos (no Ecoh – 23/11/2020), aproximou necessariamente o Narrador e o Audio-visual.

Qual história? Para quem? ...na rede, no festival, para crianças, para adultos... Como?

Vamos ter que olhar para o como nos retratamos... comentamos. A imagem que temos de nós mesmas(os)... Vamos precisar criar espaço para a criação. Explorar. Aprender a ver com a câmera... Retomar conceitos... Parece ser este o convite que este momento nos oferece. Algumas experiências já aparecem no Olho Mágico d'A Casa Tombada.

Do meu ponto de vista muito pessoal o **COMO** me inquieta, pois até hoje só contei histórias para os meus filhos quando pequenos. Na verdade, eu não contava exatamente. Eu lia. Eles gostavam e têm boas lembranças. Dizem que eu fazia vozes, gestos e expressões... Para mim é uma lembrança muito vaga.

E ainda, na família dizem que tenho pouca memória... Não me lembro se, quando criança, alguém me contou história. Acho que me lembrava da Branca de Neve, João e Maria, mas não lembro de quem contou. Ah! Acho que minha mãe! É tudo muito vago. Mas fiquei muito encantada quando em abril de 2020 **Élida Marques**, que também é atriz, leu para nós - em aula zoom - o conto **Famigerado**, de Guimarães Rosa. Ela contracena com a câmera.

Olha só que boa sugestão! Abriu meus olhos!

Através de vídeo, **Ana Luíza Lacombe** – também atriz - disponibilizou três histórias para nós: uma fora encomendada para uma atividade empresarial, com tema e tempo definidos. Escolheu, de seu repertório, *Carne de Língua* – um conto popular do Kênia. Ana Lu apresentou-se de corpo inteiro, com movimentação ampla, vigorosa e um clima de faina.

A segunda, *A Moça Tecelã*, de Marina Colaçanti. Uma leitura referida a imagem de uma máquina de tecer, sons da máquina ao fundo, com um clima meditativo, voz suave e cheia de nuances de auto-observação interiorizada para expressar um texto primoroso e um enredo com que muito me identifiquei.

A terceira – *A Moura Torta*, conto português – contou-a sentada utilizando vários recursos vocais e um instrumento – o ukelele. Tinha um enredo muito bem

composto. Depois da narração, expôs, em detalhes, a composição de cada história nos deixando com alguns lembretes que costuma seguir. E uma observação primorosa: “*Contar história exige FOCO; estado de presença constante.*”

Mafuane Oliveira, arte-educadora, com o seu Chaveiroeiro – objeto de abertura - contou-nos *A história da nova mesma história*. De autoria própria, narra as dificuldades e expedientes de uma família para cuidar da avó, já velhinha que está convencida de que “*todos de sua família morreram por deixar de gostar dela.*” O enredo costura personagens extraídos da família do pai e da mãe. Desde muito pequena, seu posto de escuta e observação era debaixo da mesa. O Pai – Adão - primeira geração de ativistas a colocar nome africano nos filhos é muito atuante no movimento negro. A mãe – Carmelita – filha de nordestina, com família numerosa. Duas observações dela me calaram fundo:

- As histórias têm uma função social, servem para destruir um povo ou restaurar a dignidade perdida. É sempre necessário explicitar o povo a que se refere.
- Ela considera que o lugar do seu corpo é história no movimento da vida. Sua militância lhe dá autoria no movimento negro, pois traz subjetividade e humanidade, congregando-a às lembranças das violências ancestrais e alia-a à potência humana.

Simone Grande começou como integrante do grupo *As Meninas do conto*, nos narrou trechos específicos de quatro contos de seu repertório. Apenas o pedaço suficiente para poder explicitar seu processo de composição da performance. Ela é atriz e contadora de histórias. Já nos informou, de partida, que só trabalha com contos da Tradição Oral.

Simone me deixou um comentário que recebi como fundação: *mesmo tendo tempo de experiência, toda essa minha experiência funciona para olhar uma história e perceber que ela vai rolar. Mas tenho que construir alguma coisa. É a minha trajetória em comunicação com aquela história – a gente se olha, se junta e vamos ver o que vai dar. É uma construção.*

Para finalizar, Simone leu para nós um *Texto de Rubem Alves* extraído do livro *Contação de Histórias: Tradição, Poéticas e Interfaces*, pág. 192, começa assim:

Explicação

Mosaicos são obras de arte. São feitos de cacos. Os cacos em si não têm beleza alguma. Mas se um artista ajuntar segundo uma visão de beleza eles se transformam em uma obra de arte. Música são mosaicos de sons. Notas são cacos. Não são bonitos nem feios. Mas se um compositor as organizar numa frase, elas passam a dizer algo. Transformam-se em temas. Sonatas e sinfonias são feitas com temas entrelaçados. Também nós somos feitos de cacos⁽¹⁾.

Aline Cantia nos apresentou a sua trajetória. Uma longa história de convívios muito apreciados e relações afetivas reverenciadas que nos deixa com o sentimento de que na sua caminhada tem *sopa caindo no mel* o tempo todo; nos lembra o *Samba da Benção* de Vinícius de Moraes.

Ela também leu um texto... um fragmento sobre a velha Totonha⁽²⁾, do livro *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, que lhe apresentou a sua própria analogia de narradora. *Tal como a velha Totonha sou uma narradora viajante. Também levo histórias do cotidiano.*

Como seixo que a correnteza do rio faz rolar, ela vai rolando no rio de sua vida colhendo sua trajetória com criatividade e aceitação. Sua capacidade de aceitar as novas oportunidades, que ela mesma vai forjando, é impressionante. Impressionou-me também sua capacidade de criar Projetos e fazê-los funcionar⁽³⁾.

Reverencio com carinho e gratidão essas cinco excelentes e personalíssimas narradoras. As cinco assumem que são narradoras artísticas em espaço urbano. Mas cada uma tem o próprio estilo, o próprio tema condutor. Elas deram um fecho exemplar a todas as propostas do curso, pois nós, os/as alunos/as, cada um de nossos textos apresenta um viés próprio. Isso me instiga a querer assistir a cada uma das apresentações finais também.

Agradeço, o próprio impedimento provocado pela pandemia ao meu intento inicial de começar a criar meu repertório. Considero ter sido esta, a oportunidade de poder me debruçar com cuidado e detalhe a essas contribuições. Elas exemplificam e expressam um tão claro vínculo afetivo com o narrar que fica tudo muito vivo! Pude também extrair dessas narrativas uma esclarecedora quantidade de dicas, lembretes e recomendações para cada etapa de composição na arte de narrar histórias.

Como conclusão, finalizo este texto de TCC com uma crônica-poema/poema-crônica (minha performance em vídeo): **VEREDAS DAS POSSIBILIDADES**, resultante dessas andanças do curso e do retorno a manuscritos engavetados enquanto esperava o 2020 virar 2021.

Ponto por ponto

Linha por linha

Borda o espaço

Tece o tempo

Teia, tela de encontros

De um ponto do espaço

Mergulha uma linha

Outro ponto Terra

=

*

Terra... pó de estrelas

Flutuando na vastidão.

Incógnita missão

Canteiro da vida em ação

Medrando duplas de opostos

Aí brotei um dia, no campo

preenchi-me com a abóbada celeste

o sol, os ciclos e cores do dia e da noite

a terra em que pisava, os riachos onde brincava

toda a natureza e suas manifestações - a família -

integração

*

=

Terra esfera de encontros

Homem, Terra, teia, Tempo

Rede de encontros,

Invólucro da Terra

*

=

Agora eu era o tacho, a pá de madeira, o fogo,

*a mexedora que mistura em si
 massa de silêncios,
 palavras, frases, imagens, ausências brancas e negras,
 pensamentos, sentimentos, sensações, cismas,
 pressentimentos, intuições
 que cria histórias subjetivas... muito pessoais
 caminhando, então, pelo êxodo rural
 virei um ser cíclico, creio
 Um ser tipo longe dos olhos longe do coração
 Ao retrato do ser no seu cenário
 Adicionei os ideais de
 Ser humano, cidadão
 Indivíduo, irmão e amigo...*

*

=

*Os filhos me enraizaram, me delimitaram
 visibilizaram a conexão com a minha ancestralidade -
 sentimentos de mãe, filha, irmã, esposa, amiga -
 então, me dei conta do quão desconfortável
 era a vestimenta que eu me fizera*

*

=

*logo mais encontrei um deserto.
 Voltei ao tacho misturando agora escolhas feitas,
 bibliografias, experiências, aprendizagens, educação, trabalho
 Deixei descansar, decantar
 Ligar, aglutinar
 Crescer, expandir
 A transformação ocorrida volatilizou fronteiras da lógica,
 Abraçou o próprio ser que me move
 Eu-já, o agora, o instante... atemporal enquanto dura
 Uma vasta gama de conhecimentos e possibilidades
 Apresentaram-se à disposição
 Que fantástico, sou filha do universo!*

*

=

*Também à disposição apresentou-se 2020 – covid19
o grande desafio – um pandemônio
o tamanho do iceberg foi revelado...*

*De nada adiantaram os surpreendentes comentários de Yuri Gagarin
em 12 de abril de 1961*

“A Terra é azul.

**Orbitando a Terra na nave espacial,
vi como nosso planeta é lindo!**

**Os raios lançavam-se na atmosfera da terra, o horizonte tornava-se
laranja brilhante, gradualmente passando por todas as cores do
arco-íris: do azul claro ao azul escuro, ao violeta e depois ao preto.
Que gama de cores, indescritível! Como as pinturas de Nicholas
Roerich.**

Pessoal, vamos preservar e aumentar essa beleza, não a destruam!”

Toda a humanidade confinada em suas próprias casas

Quando isso vai acabar? Como será depois?

*

=

Meados do ano um pássaro ferido ainda habitava meu coração

Não transmita e não pegue – CUIDE

este é o âmbito da ação pessoal

Vai-se aprendendo a misturar a inquietação

com um tanto de espera quieta, sem programação

um coração apertado e logo mais, paz no coração

silêncio ao observar... olhar o nada

Pressa? Que sentido tem?

*

=

*Em dia especial de outubro
 O pássaro ferido virou terra
 no mesmo lugar uma promessa estava sendo gestada
 Lentamente algo foi entumecendo a terra,
 começava a aflorar ... aguardei ...expectativa ...
 Um botão se levantava saindo do seu involucro para a vida,
 rosa vermelha... já com cheiro
 Rosa Colombiana, aveludada... Macia.*

*remete ao sentimento de ternura, carinho, suavidade, entrega
 ao ato de amamentar, cuidar, proteger
 inspirou-me o batimento cardíaco
 não do coração cujas imagens conhecidas
 de repente, me pareceram, talvez, curtas,
 mas batimento cardíaco de um buraco negro
 a 600 milhões de anos-luz da Terra*

Notas

(1)

“Milan Kundera comparou a vida a uma partitura musical. “O ser humano guiado pelo sentido da beleza, transpõe o acontecimento fortuito, o caco para fazer dele um tema que em seguida fará parte da partitura de sua vida. Voltará ao tema repetindo-o, modificando-o, desenvolvendo-o, transpondo-o, como faz um compositor com os temas de sua sonata. (.....)”

As histórias são contadas no passado. Mas elas não têm passado. Só tem presente. Estão sempre vivas. Quando as ouvimos ficamos possuídos, rimos choramos, amamos, odiamos embora elas nunca tenham acontecido. Muitos são os mosaicos que podem ser feitos com um monte de cacos. Muitas são as músicas que podem ser feitas com as 12 notas da escala cromática. Horror, amor, humor, vida morte e vingança, tudo depende do coração do artista. Milan Kundera comparou a vida a uma partitura musical. “O ser humano guiado pelo sentido da beleza, transpõe o acontecimento fortuito, o caco para fazer dele um tema que em seguida fará parte da partitura de sua vida. Voltará ao tema repetindo-o, modificando-o, desenvolvendo-o, transpondo-o, como faz um compositor com os temas de sua sonata. (.....)”

(2)

Fragmento do livro Menino de engenho de José Lins do Rego: “A velha Totonha, de quando em vez, batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia

de contar história de Trancoso. Pequeninha e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la. Andava léguas e léguas a pé. De engenho em engenho como uma edição viva de mil e uma noites.

Que talento ela possuía para contar suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens. Sem nenhum dente na boca, com uma voz, ah uma voz que dava todos os tons das palavras. As suas histórias me valiam muito. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar pro meu primo Silvino porque ele se punha a tagarelar bem no meio das narrativas. A Eu ficava calado, quieto diante dela. Pra esse seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma. Entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato sempre com aquele sorriso de avó das gravuras dos livros de histórias. E as suas lendas eram suas. Ninguém sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações da sua voz. E uma expressão de humanidade nos reis e rainhas de seus contos.

Seu Pequeno Polegar era diferente. A sua avó que engordava os meninos para comer era mais cruel do que das histórias que os outros me contavam. A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Ela subia e descia ao sublime sem forçar as situações, como a coisa mais natural deste mundo. Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa com notas explicativas.

Havia sempre rei e rainha nos seus contos, tinha também flor e adivinhações e muita vida, muito da vida com suas maldades e suas grandezas. A gente encontrava naqueles heróis, naqueles intrigantes que eram sempre castigados com modos horríveis. O que fazia com seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando do engenho. Um engenho fabuloso.

Os reinos e florestas por onde andavam seus personagens se pareciam com Paraíba e a mata do romu. Seu Barba Azul era o senhor do engenho de Pernambuco. A história da madrasta que enterrava a menina era a sua obra prima. Todo poema era uma abundância de detalhes. E na voz plástica da velha a tragédia parecia a dois passos de nós. Ficava arrepiado com aquele canto soturno dela. Vinha-me, então, o medo.

O medo antecipado de embarcar em navios pelo horror das cenas de naufrágio desse pobre. Depois sinhá Totonha ia embora. Saía pra outros engenhos e eu ficava esperando pelo dia que ela voltasse com suas histórias sempre novas para mim porque ela possuía um pedaço de gênio, que não envelhece.”

(3)

Mostra Candeia - Mostra Internacional de narração artística; **Abra Palavra** que caminha junto com ela; **BH ao pé do ouvido** – projeto pequeno; **BH- arte e tradição** – o fazemos em torno na cidade. Ele é todo descentralizado; **Caldos, causos e viola** - causos urbanos; **Era uma voz** - é um encontro pra gente conversar sobre a narração de histórias e as suas diversas linguagens; **Os sons da cidade** - projeto novo, muito querido, que narra o dia a dia; **Serão de contos** – Acontece nas bibliotecas públicas da cidade, à noite; **Contos com vinho** - Estávamos em Portugal. Veio o coronavírus, tudo parado. Eu lia e tomava vinho, daí veio a ideia e virou o projeto está no instagram.

BIBLIOGRAFIA

BONDÍA, Jorge Larrosa – Notas sobre a experiência e o saber da experiência – Revista Brasileira de Educação, nº 19, 2002

SOARES, Maria de Lourdes – Texto in Google Docs, organização Benita Prieto – 2011

BENJAMIN, Walter – O Narrador – Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov in Magia e Técnica, Arte e Política – 1936

BENJAMIN. Walter – Experiência e Pobreza, in Magia e Técnica, Arte e Política pag. 114 – 1933

JOSSO, Marie-Christine. O caminhar para si: uma perspectiva de formação de adultos e de professores. Entrevistador: Margaréte May Berkenbrock-Rosito.

BORGES, Jorge Luis – A rosa de Paracelso, fragmento

MACHADO, Regina – A Arte da palavra e da escuta,

ALEXANDER, F. M. – A Ressurreição do corpo – Martins Fontes, 1993

BACHELAR JACOB- A poética do devaneio, Martins Fontes, 1988.

BACHELAR JACOB – A poética do espaço - São Paulo: Martins Fontes, 1993 –

BONAVENTURA, Jette – O que conta o conto,

MATOS, Gislayne Avelar – O ofício do contador

SONTAG, Susan – Estética do silêncio na vontade radical, Ed. Schwartz, 1987

SOMÊ, Sobonfu – O espírito da intimidade, Ooysseus

WENDERS. Wim – A lógica das imagens, Ed. 70, 2010

TAVIANI, Irmãos – filme “Kaos”, conto de Pirandelo – 1984

SARAMAGO, José - O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA

COUTO, Mia - O coração do menino e o menino do coração e A menina sem palavras, livro A MENINA SEM PALAVRAS

JAMES HILLMAN – O pensamento do coração e A alma do mundo – Verus, 2010

SANTOS, Luciene Souza - A EMÍLIA QUE MORA EM CADA UM DE NÓS: A CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR-CONTADOR DE HISTÓRIAS, Salvador – 20

INGOLD, Tim - TRAZENDO AS COISAS DE VOLTA À VIDA: EMARANHADOS CRIATIVOS NUM MUNDO DE MATERIAIS, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012